

## **O GRISU DO PROFESSOR BARTO<sup>1</sup>**

Falar sobre uma cidade é falar do povo que a habita, dos seus saberes, das suas curiosidades, dos seus amores, das suas saudades, é contar os seus casos interessantes. Conseguimos desvendar uma cidade de formas variadas, e o fazemos quando tratamos dela com o mais profundo sentimento de respeito à sua memória. Através dos tempos, fatos da arte, da política, das ciências ou das religiões tornam-se, pela força de comunicação que lhes é própria, registros nos quais as gerações vindouras se apóiam para impedir que haja um desmonte da cultura de uma comunidade. O professor paulistano Leon Frejda Szklarowsky<sup>2</sup>, afirmava que “um povo sem história é um povo vazio. E quem não relembra os feitos de seu povo, não vive, não tem alma, não sente a vida, não vibra.”.

Perseguindo estas premissas, tentarei reproduzir aqui um fato que aconteceu na mineira São João del-Rei, no primeiro ano da segunda década do século XX. Este relato não é novidade alguma, mas, como o esquecimento é um processo natural, com o passar do tempo algumas informações importantes acabam não lembradas pelo nosso sistema de armazenamento mental; então, como cada espaço guarda em si a sua história, faz-se necessário estabelecer ligações entre o passado, o presente e o futuro, resultando tudo isto num formidável somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas de uma comunidade. Quem se aventurar a ler o livro “São João del-Rei na Crônica”, volume I, editado em 1974, escrito por Gentil Palhares, irá se deparar, a partir da página 68, com alguns dos fatos que aqui serão recontados.

Pelo que se sabe, o primeiro ônibus que veio para São João del-Rei foi um veículo com motor da marca Ford<sup>3</sup>, muito decadente, cujo funcionamento e

---

<sup>1</sup> Esta matéria, sob a forma de uma reduzida crônica com o mesmo título, foi publicada originalmente no *Jornal de Minas* (São João del-Rei - MG, ano XIII, edição número 217, de 14 a 20 de junho de 2013, editado por Neudon Bosco Barbosa); a versão que ora aqui se apresenta na forma deste artigo foi acrescida de vários comentários e citações.

<sup>2</sup> Era advogado, consultor jurídico, escritor e jornalista em Brasília (DF), subprocurador-geral da Fazenda Nacional (aposentado), editor da *Revista Jurídica Consulex*. Mestre e especialista em Direito do Estado. Falecido em 24 de julho de 2011.

<sup>3</sup> A carroceria dos antigos ônibus era feita em metal e madeira (geralmente fabricada pela *Crosley*); depois era montada em cima de chassis Ford. O motor, importado, também era fabricado pela empresa americana Ford.

matraquear das latarias ocasionavam incômodos por onde transitava. Naquela ocasião, 1920, freqüentava a cidade Bartolomeu Cândido Balbino, personalidade nascida no dia 24 de agosto de 1865 e que era mais conhecida pelo apelido de *Barto*; era um sujeito de alma e coração abertos, boêmio, freqüentador das bodegas da cidade e que cultivava muitas amizades, além de ser professor das primeiras letras de boa parte da meninada das redondezas. Certo dia, o velho ônibus enguiçou lá nas imediações da Ponte da Cadeia. O motorista, *João do Fabiano*, rodava a manícula<sup>4</sup>, abria e fechava a tampa do motor, apertava e desapertava parafusos, tentando a todo custo fazer com que a máquina que habitava aquele monte de lata velha funcionasse, mas todo o esforço dele era em vão. Aquela peleja despertou a atenção de alguns garotos que saíam das aulas no Grupo Escolar João dos Santos (Gentil Palhares, Edgar Guedes, João Osório, Tute Torga...); então, eles se dispuseram a ajudar a empurrar a jardineira. Apesar do esforço, o trambolho não se movia; já bastante enfurecido, o motorista coçava a cabeça e xingava, mas nada de o veículo sair do lugar...

Eis que durante aquela tremenda labuta em favor do funcionamento do “velho carro que viera do Rio de Janeiro (...), sem dúvida já aposentado, encostado nalguma garagem da nossa antiga Capital”, passou pelo local o professor Bartolomeu,

amigo inveterado de todos os botequins da cidade. (...) Já ia ele meio alto, vinha das bandas do Tijuco, onde todos diziam que existia a melhor cana do canavial da cidade. ‘Barto’ viu aquele aglomerado, tomou pulso da situação, tirou apressadamente o paletó, arregaçou as mangas da camisa, olhou os circunstantes, olhar fuzilante, como se a dizer ‘comigo a coisa vai estourar’, e desandou a fazer uma força dos diabos, enquanto a meninada, sentindo em torno o valente companheiro pronto para o ataque, ia gritando para que todos ouvissem: olha o ‘Barto’! Olha o ‘Barto’! Viva o professor ‘Barto!’; enquanto isso assobios iam estrugindo, os dedos metidos na boca, gritos, verdadeiros berros, uma confusão infernal, formando aquele cenário inusitado na pacata São João del-Rei de antanho.

---

<sup>4</sup> Antiga manivela usada para acionar o funcionamento do motor de um carro, como uma espécie de motor de arranque manual.

“Em dado instante, ou porque o “Barto” tivesse mesmo influído com a sua presença, ou porque o monstrengo estivesse mesmo resolvido a sair”, o ônibus começou a querer mover-se do lugar, como de fato saiu e

embarafustou-se avenida abaixo, o ‘João do Fabiano’ firme no volante, rindo à toa”, enquanto os meninos iam se “agarrando pelos pára-lamas, carroçarias, tentando galgar o interior do veículo. (...) O ‘Barto’, todavia, não dizia mais nada, apenas contemplava, via o ônibus matracolejar suas latas, seus ferros, seus pára-lamas; o motor parecia, agora, soltar uma fumaça muito preta, preta feito carvão. E nada mais... E a fumaça ia aumentando, escurecendo tudo, não mais permitindo que os assistentes vissem o monstrengo que já ia à distância (...) pela avenida Rui Barbosa. (...) E foi quando, num último brado, à moda dos guerreiros triunfantes, dos que empunham a arma vitoriosa que, num gesto nervoso aflito, soltou a todos os pulmões essa palavra que ficou na história do nosso primeiro coletivo: ‘Olha! É Grisu! É o Grisu! O Grisu está queimando! Está queimando o Grisu’.

Bartolomeu Cândido Balbino, como era de se esperar de um professor, tinha lá seus conhecimentos em química e sabia que o *Grisu* é um gás (mistura do CH<sub>4</sub> com o O<sub>2</sub>) que em ambientes fechados forma uma mistura explosiva que constituía um grande perigo nas minas de carvão. O Dicionário Houaiss também registra o termo Grisu como “substantivo masculino, datado de 1881: gás combustível, formado de metano, anidridos carbônicos e nitrogênio, que se desprende espontaneamente das minas de carvão.”.

Então, a partir daquele dia, como bem escreveu José Bellini dos Santos na sua crônica “A Origem do Apelido do Grisu” (jornal Diário do Comércio, edição número 3.280, São João del-Rei - MG, 23 de janeiro de 1949),

Grisu é qualificativo dado aos ônibus desta cidade pelo professor Bartolomeu Cândido Balbino. A este pode se dar, sem o menor receio, a paternidade do crisma, que se espalhou pelas cidades vizinhas e até na Capital da República, denominação daqui levada, talvez, por algum são-joanense, ou mesmo por visitantes influenciados pela aceitação plena do apelido pelos habitantes de São João del-Rei.

O fato concreto é que nesta terra, como costuma a ocorrer até hoje, ainda que em menor escala, o termo *Grisu* passou a ser adotado como sinônimo

de ônibus, ou seja, uma expressão advinda do velho carro que “dias depois caiu na praia com o “João do Fabiano”, seu motorista...”. A respeito do primeiro ônibus em São João del-Rei, cuja concessão do serviço era explorada pelo Sr. Severo de Araújo, José Bellini dos Santos comentou que “tratando-se de uma inovação que viria satisfazer a um desejo são-joanense de possuir bondes, tantas vezes prometidos, projetados e nunca alcançados, despertou atenção o moderno veículo, quando, na Ponte da Cadeia, ponto inicial da linha, surgiu o primeiro ônibus.”.

Sobre o professor Bartolomeu, José Bellini dos Santos afirmou:

três gerações ele alfabetizou, ensinando à moda antiga, soletrando e dividindo sílabas, dando lições de tabuada cantada e às vezes aplicando rijas varadas ou valendo-se da ‘S. Luzia’<sup>5</sup> para convencer os alunos recalcitrantes. (...) Calígrafo, ensina, também, talhar bem as letras num cursivo cheio de adornos, recortes e floreios. (...) Recita poesias de Castro Alves, de Guerra Junqueiro, de Camões e estrofes de Vergílio, estas em latim meio estropiado, também não é para menos, o Barto, além dos 84 agostos, usa e abusa da ‘golêta’, como pitorescamente diz.

No jornal Diário do Comércio (edição número 2491, de 10 de julho de 1946), numa matéria à guisa de editorial, encontrei mais esta interessante menção ao mestre *Barto*, sob o título de “Assistiu á construção do sobrado da Praça Tamandaré”:

A nossa redação foi visitada pelo velho professor rural Bartolomeu Cândido Balbino. (...) A sua vinda a esta cidade,

---

<sup>5</sup> Trata-se da famigerada palmatória, (férula, maria-vitória, menina de cinco dedos; menina de cinco olhos, pavana, santa-vitória), que era também conhecida por “Santa Luzia dos cinco olhos” ou “Santa Luzia dos cinco buracos”; acredita-se que esta denominação se deu por causa dos cinco furos existentes na estrutura circular do artefato (feito de madeira e formado por um círculo e um cabo); era utilizada dando vigorosos golpes na palma da mão do aluno a ser castigado e os furos ajudavam a vencer a resistência do ar e aumentavam a velocidade do golpe, aumentando, assim, também, a dor e os sinais deixados na pele a cada golpe. O fato é que a denominação não favorece o bom nome da Santa, já que o instrumento de suplício durante muito tempo foi usado na “educação” de crianças. A pedagogia daquela época era baseada em muito grito, pouco riso, e quando necessário recorria-se aos préstimos da “Santa Luzia”! Independente da pedagogia e didática utilizadas, os mestres-escolas da roça foram pioneiros no ensino da leitura, da escrita e da aritmética para gerações passadas, indo oferecer seu ofício que era encarado como um sacerdócio de cidade em cidade, de arraial em arraial, de fazenda em fazenda, de casa em casa... A remuneração deles era de pouca monta e se dava conforme a possibilidade financeira dos pais dos alunos. Na zona rural do distrito são-joanense de São Miguel do Cajuru, no início do século XX, era comum a presença de mestres-escolas nas fazendas; já ouvi relatos orais de que ocasionalmente o pagamento deles acontecia até mesmo em troca da boa estadia e alimentação, bem como de mantimentos.

pois é são-joanense de quatro costados, constitui um acontecimento, tem a sua roda nos cafés que frequenta, e sempre uma história e uma piada daqueles bons tempos em que não se conheciam filas, câmbio negro e outros suplícios e patifarias dos tempos atuais. Professor normalista, é formado pela velha escola que funcionava no Largo de São Francisco, onde imperava a “Santa Luzia” e aprendia-se de fato. Apesar de sua idade proecta, recita verso de Castro Alves, Camões e trechos de Virgílio num latinório arrevesado. Conhece a fundo a história local em todos seus meandros. Fala corretamente e não se nota no velho professor o “delirium” tão comum em pessoas da sua idade e que tenham a sua vida. E que caligrafia invejável tem o professor Barto! Pois bem, o professor da roça, como ele mesmo se intitula, esteve ontem em nossa redação para dizer que o velho sobrado da Praça Tamandaré não tem um século de existência, como querem os historiadores das capitais. O professor Barto assistiu à sua construção, e afirma que viu a chegada de 20 carros de bois, cantando, Tijuco à fora, transportando madeira para o engradamento. Era menino, e o fato causou sensação nesta cidade pala entrada da enorme fila de carros pejados de madeira proveniente do povoado do coruja, hoje Francisco Sales. Feita esta declaração com toda ênfase, o visitante levanta-se e numa curvatura de pernas toda a seu modo, mete o dedo na vasta e bonita cabeleira branca e acrescenta:

– Ponha no jornal, se o sobrado que é mais moço do que eu foi tombado, quero também ser tombado. (...) Quero ser tombado, mas conservado... *per omnia secula seculorum*...<sup>6</sup>

Há registros que dão conta de que o professor Bartolomeu viveu seus últimos dias em estado de lastimável penúria. Antônio Ribeiro de Avelar<sup>7</sup>, em sua crônica “O Humilde Mestre da Roça”, publicada no jornal Diário do Comércio (São João del-Rei – MG, edição nº 3.346, de 17 de abril de 1949, assim se pronunciou:

Bartolomeu Cândido Balbino é um abnegado, um sacrificado, um sofredor. Não fora ele, não fora a sua resistência e a sua desambição, e milhares de cidadãos estariam sem a luz do alfabeto, porque ninguém se disporia a ir para o desconforto da zona rural no exercício de labor tão nobre. O velho professor não é funcionário público, e, por isso, não tem direito à

---

<sup>6</sup> Na época o sobrado onde se situa o Museu Regional chegou a ser quase totalmente demolido. Confira em: [http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver\\_noticia&id\\_noticia=2508&id=3](http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver_noticia&id_noticia=2508&id=3)

<sup>7</sup> Poeta e prosador são-joanense que possuía o apelido de *Tote*.

aposentadoria. Mas como os cofres públicos tem dinheiro para tudo, sobrar, por certo, um pouco, uma migalha para que o pobre mestre descanse, depois de meio século de ásperos e rudes trabalhos, fartos de desencantos e ingratidões. E o velho Bartolomeu que, mesmo no auge da penúria tem o sorriso enflorado, poderá pedir a Deus bênçãos para os que souberem ser justos. (...) As leis são resultantes de exigências sociais e econômicas. Na sua estruturação os legisladores procuram resguardar os direitos e os deveres dos cidadãos. (...) O deputado Mateus Salomé, autêntico e legítimo representante de São João del-Rei, poderá, com a sua autoridade de devoto da lei, solicitar ao Governo, por intermédio da Assembléia, uma paga para quem tanto fez para o Brasil. (...) O professor Bartolomeu Cândido Balbino é um bandeirante... Os seus cabelos alvíssimos, o seu corpo envergado, exigem uma trégua empós<sup>8</sup> tantas labutas. Desumano, porém, que nos amplos limites da solidariedade cristã não se encontre um lugar ao sol para o sofrimento de um cidadão tão útil à pátria.

Parece que a lamuriosa solicitação do cronista Avelar não encontrou guarida no âmbito estadual; pelo que sei, não conseguiu que os políticos se apiedassem ou se movessem em favor do velho professor *Barto*. Então, em 26 de julho de 1949, na edição nº 3.246 do jornal de mesmo nome, Antônio Avelar voltou a solicitar ajuda, desta vez à Câmara Municipal, por meio da crônica intitulada “Ainda o Professor Bartolomeu”:

Afigura-se-me de meu dever de brasileiro e de cristão insistir junto dos poderes públicos no sentido de que ao professor Bartolomeu Cândido Balbino se proporcione uma réstea de luz, ainda que quando o velho e popular conterrâneo já se inclina para o ocaso. Faz 3 meses, enderecei sincero e comovente apelo, destas mesmas colunas, solicitando de quem de direito uma modesta ajuda mensal com a qual o simpático e polido velhinho pudesse comer e vestir-se, sem a penosa tarefa de andar pelas roças a lecionar, mister que gastou toda a sua tumultuosa existência. (...) E ao vê-lo assim, assumi o compromisso comigo mesmo de voltar ao assunto da crônica anterior, agora na direção da edilidade são-joanense, à qual, por certo, não passará despercebido o trabalho patriótico de quem durante mais de meio século, tanto fez por São João del-Rei, ensinando gerações e gerações. Aos líderes das bancadas, com assento na Câmara de Vereadores (...) eu dirijo esta mensagem cheia de ardências,

---

<sup>8</sup> Após, depois.

esperando que encontrem, na aplicação das leis humanas, uma fórmula que possibilite tirar da cornucópia onde se acumulam contribuições vindas de todas as bandas uma amigalha desse dinheiro para desafligir um cidadão que foi tão útil à coletividade. Há de existir, por sem dúvida, uma fórmula. (...) Os homens de nossa terra são mais sensíveis do que todos os outros homens, talvez porque a nossa cidade tem um céu mais límpido e Deus nos abençoe com mais meiguice e ternura.

Ainda que Avelar achasse que “os homens de nossa terra são mais sensíveis”, não encontrei registros de que a solicitação dele fosse discutida ou viabilizada por aqueles que pregam que os axiomas urgentes e imperiosos e governantes ainda é o de cuidar da Educação, o que não é de se estranhar, uma vez que sempre fazem discursos artificiosos, sugerem esperanças exageradas, mas não conseguem promover a justiça humana pelas vias políticas<sup>9</sup>. O que encontrei na edição número 3.835 do jornal Diário do Comércio, de 15 de dezembro de 1950, foi outra lamuriosa crônica na qual Agostinho Azevedo<sup>10</sup>, sob o título de “Um Mestre-Escola da Roça”, anunciava que:

Em Bom Sucesso<sup>11</sup>, sozinho e esquecido, morreu o velho professor Bartolomeu Candido Balbino. Na Santa Casa de Bom Sucesso, anônimo, sem amigos, quase sem identificação, morreu o velho professor Barto. Dez municípios em torno, entre os roceiros, todos o conheciam e muitos penetraram, com ele, nos mistérios do alfabeto, à boa e velha maneira do B-A – BA. Disseminando o alfabeto, se bem que em doses homeopáticas, o professor Barto prestou um grande serviço ao Brasil. Nas suas freqüentes estadas em São João del-Rei, Bartolomeu não ensinava e nem aprendia; tomava o seu gole e contava lorotas, revendo os lugares da meninice. Findo os cobres escassos,

---

<sup>9</sup> Outra ilustre personalidade viveu em terras são-joanenses e também morreu quase que à míngua como bem escreveu o professor Oyama de Alencar Ramalho: “Em 1930, Basílio de Magalhães exilou-se para o Rio de Janeiro e aqui nunca mais voltou. Temos notícia de que, em 1952, o Governador Juscelino Kubitschek, sabedor do estado de penúria em que vivia o historiador, encaminhou uma mensagem à Assembléia Legislativa, propondo uma pensão mensal de cinco mil cruzeiros ao escritor (o que equivale, hoje, a mais ou menos 400 reais), a troco de anotar e comentar as *Efemérides Mineiras*, de Pedro Xavier da Veiga. Como Basílio não mais tinha força física para tal tarefa, não aceitou. Faleceu em 14 de dezembro de 1957, em Lambari, esquecido e pobre, a ponto de ter que vender sua biblioteca para sobreviver.”. Saiba mais sobre o político, polígrafo e professor Basílio de Magalhães em: [http://www.patriamineira.com.br/ver\\_pdf.php?id\\_noticia=644&id=2](http://www.patriamineira.com.br/ver_pdf.php?id_noticia=644&id=2)

<sup>10</sup> Cronista são-joanense que tinha o apelido de *Bude*.

<sup>11</sup> Bom Sucesso é um município mineiro, próximo ao de São João del-Rei.

punha-se a caminho. Professor pela antiga Escola Normal desta cidade, Bartolomeu Cândido Balbino dedicou-e à mais ingrata das tarefas do magistério, quanto a proventos materiais. À margem de qualquer amparo, pela irregularidade do ensino, hoje aqui, amanhã ali, lecionou toda uma longa vida e finou-se, esquecido, só e anônimo, na Santa Casa de Bom Sucesso. Não era professor estável, mas também não o eram seus alunos. Encarregados os meninos nos rudimentos do ler, escrever e contar, breves e bastantes para decifrar a Folhinha de Mariana e saber os dias e o tempo, os nomes dos Santos e os quartos da lua, passava Bartolomeu a novas terras. Ficavam para trás oito-nove-dez eleitores novos, cuja instrução o escrivão do Distrito, farinha do mesmo saco, completava mal e mal, adicionando aos seus escassos conhecimentos de ler e escrever, um requerimento ao dr. Juiz de Direito, para a indispensável inscrição no registro eleitoral da Comarca. Não empurrava de sapiência os pobres meninos roceiros que lhe eram confiados, dando-lhes o toco miúdo da instrução, rápido, aplicável às suas necessidades de assinar com uma garranchosa pachorra os papéis do casamento e ajudar a escolher nas eleições os governos, que, como se sabe, tem sido benéficos e grandemente úteis aos nossos roceiros, cujos avós, pais e filhos, entraram, pela mão do velho Barto, nos segredos de ler e escrever, para casar bem e votar melhor. A doença foi breve e a morte veio rápida para levá-lo, tão rápida que só nos chegou, tímida e truncada, a notícia do desfecho, impossibilitando que os seus amigos, aqui onde eles são muitos e estão concentrados, providenciassem um fim menos solitário a esse excelente mestre-escola da roça. Professor de primeiras letras, Bartolomeu, que gingava pelas estradas sem malas nem embrulhos – ele - só ele – à porta do céu, nos limites da eternidade, há de ter dito a S. Pedro, o chaveiro: *abre, Pedro venho cansado e é para um longo estágio*. E gingando, entre anjos, Bartolomeu Cândido Balbino, o professor errante, vai, enfim, fixar-se nas celestes paragens.

Se o professor Bartolomeu Cândido Balbino chegou a desfrutar de alguma popularidade, ela não passou de sibaritismo tépido; a ausência da pessoa dele da cidade de São João del-Rei, salvo poucas e honrosas exceções (inclua-se entre elas, de forma especial, as dos cronistas anteriormente citados), parece que não valeu “cinco réis” de consideração. Os sinos, que nunca tocaram por ele, permaneceram e permanecem plangendo os seus bronzes do mesmo jeito nesta velha terra; as igrejas, que não lhe dedicaram nenhuma missa de *Requiem* e tampouco nenhum *Te Deum Laudamus*,



continuaram e continuam a ser povoadas por beatas usando xale e senhores ditos circunspectos, todos procurando por missas. O certo é que o professor *Barto*, enquanto viveu, foi escravizado por um intenso labor mental e, no final de sua jornada terrena, passou as suas vicissitudes sem ter algum repouso digno ou compensador; ao terminar a sua *Via Crucis*, foi submetido ao suplício da mediocridade altiva e insolente do esquecimento num nosocômio de Bom Sucesso, de forma quase indigente, contentando-se no dramático silêncio daqueles que não tem um lar e aceitam estoicamente, sem queixumes, as cores mais nítidas do sofrimento.

Em face do espetáculo deprimente do fim da vida desse mestre-escola da roça, sem demagogia, a gente fica pensando se o drama do professor Bartolomeu ainda é, de certa forma, o drama do professorado de hoje... Ou será que foi, é e será o drama de todos os tempos? Tomara que São Pedro, ouvindo a súplica do cronista Antônio Ribeiro de Avelar, tenha tomado para si o encargo de guiá-lo, penetrando-o num “longo estágio” nas doçuras eternas, onde ele deixaria de ser o *Barto* conformado com a sua velhice e esquecimento, para ser mais um anjo entre anjos a povoar o céu, e, servir-se, com doçura, da sua eternidade!



Nesta foto (reprodução do acervo do Sr. Silvério Parada), visualizamos o velho *Grisu* descendo pela Avenida Rui Barbosa, em São João del-Rei - MG.